

Artigo

Coleção *Ad usum Delphini*: aurora da censura na edição impressa de textos clássicos

Fábio Frohwein de Salles Moniz¹ 

RESUMO

Os objetivos deste artigo são: 1) apresentar alguns casos de expurgo de obras clássicas até o séc. XVII, momento em que a coleção *Ad usum Delphini* foi concebida para a educação de Luís o Grande Delfim, filho do rei francês Luís XIV; 2) e explicar brevemente o contexto histórico e características da coleção *Ad usum Delphini*. Este ensaio apresenta alguns dos resultados de nossa pesquisa intitulada “O glossário do silêncio: palavras, expressões, versos e poemas expurgados na coleção *Ad usum Delphini*”, realizada com a bolsa do Programa Nacional de Apoio à Pesquisa (PNAP), que recebemos da Fundação Biblioteca Nacional em 2021-2022.

PALAVRAS-CHAVE: *Censura. Edição do texto clássico. Coleção Ad usum Delphini.*

Silvio Renato Jorge
Editor-chefe dos
Estudos de Literatura

Manoel Mourivaldo Santiago

Ceila Maria Ferreira Batista
Editores convidados

Recebido em: 18/06/2023
Aceito em: 29/02/2024

¹Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
E-mail: fabiofrohwein@letras.ufrj.br

Como citar:

MONIZ, Fábio Frohwein de Salles. Coleção *Ad usum Delphini*: aurora da censura na edição impressa de textos clássicos. *Gragoatá*, Niterói, v. 29, n. 63, e58845, jan.-abr. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v29i63.58845.pt>

Apontamentos sobre censura¹ do texto clássico antes da coleção *Ad usum Delphini*

Muitos séculos antes de o expurgo se tornar um procedimento censório da Igreja romana, já é possível encontrarmos seus primeiros indícios na Atenas do séc. V a.C., quando o poeta Eveno de Paros (séc. V – IV a.C.) elaborou uma antologia de poemas elegíacos a pedido do aristocrata Cálías (séc. V – 371 a.C.), que desejava ter seus filhos preparados para cantar em simpósios (Bowie, 2012, p. 10). Nessa compilação, Eveno buscou selecionar elegias moral e politicamente corretas para a época, que abordassem, de maneira leve, os temas do vinho, da música e do simpósio. O poeta reuniu diversos poemas de Teógnis de Mégara (570-485 a.C.), mas deixou de lado os que apresentavam conteúdo sexual explícito, talvez por se preocupar com os jovens filhos de Cálías, não obstante tivesse preparado paralelamente outra antologia de elegias em que não suprimiu passagens sexuais. Nenhum autor antigo mencionou essa segunda coleção de poemas, que chegou a ser preservada apenas por um único manuscrito de Paris do início do séc. X, ao passo que a antologia organizada para os filhos de Cálías foi frequentemente citada na Antiguidade.

No livro I da *Institutio oratoria*, o rétor Marco Fábio Quintiliano (35-95 d.C.) trata da importância da leitura para a formação do orador, uma vez que nela não se apresentam artifícios que influenciam a fruição da obra, como, por exemplo, as performances oratórias nos fóruns. A leitura possibilita ainda a repetição de passagens dos textos, para fins de memorização, de comparação ou de estudo mais aprofundado do discurso. No entanto, para que a leitura seja útil, Quintiliano salienta que o discípulo deve ler somente determinados autores, e, às vezes, é necessário que sejam omitidas certas passagens de suas obras:

As tragédias são úteis. Os líricos também alimentam o espírito, se escolheres não somente os autores, bem como suas partes. Os gregos escreveram muitas coisas de modo desregrado, e eu não quereria explicar Horácio em algumas passagens. Desterrem-se, se possível, as elegias amorosas e os hendecassílabos, desdobramentos dos sotadeus (com efeito nem se deve ensinar sobre os sotadeus); ou que ao menos sejam reservados para quando os jovens sejam maiores. (Quintilien, 1933, p. 120).²

Ainda que incluísse os poetas líricos e elegíacos na famosa lista de autores no livro X da *Institutio*, Quintiliano, já no livro I, alertava que nem todas as “*partes operis*” poderiam ser mostradas ao discípulo. Mas, para o rétor, não só líricos e elegíacos inspiravam cuidado na seleção de partes para leitura. No mesmo livro X, é feita uma crítica à obra de Sêneca:

Porque muitas coisas se encontram nele [Sêneca] dignas de estima, como disse, e muitas também dignas de admiração, contanto que se tenha cuidado de selecionar [*eligere*], o que oxalá ele tivesse feito. Pois aquela

¹Em que pesem as alterações de sentido que a palavra censura e seus derivados adquiriram ao longo da história do Ocidente, ocorreram ações institucionais de punição de autores e de destruição de livros desde a Antiguidade clássica. No léxico latino clássico, o substantivo *censura* designava atividade do *ensor*, magistrado romano que era escolhido em número de dois – primeiramente de cinco em cinco anos e depois a cada um ano e meio – e que tinha inicialmente a prerrogativa de contar os cidadãos romanos e seus bens, para classificá-los em ordens sociais. Paulatinamente, o *ensor* passou também a cuidar da conduta dos cidadãos, sobretudo os da elite, e podia puni-los devido a crimes morais ou políticos, rebaixando-os a uma classe social inferior (Glare, 1968, p. 204). Modernamente, o conceito de censura, mais especificamente de censura de livros, remete *stricto sensu* à ideia de “um sistema de procedimentos que permeia as instituições” (Darnton, 2016, p. 249) para controlar a produção e a circulação de obras impressas. No entanto, nunca houve um modelo único para o controle de livros na história do Ocidente, já que a natureza das instituições encontrase relacionada a cada sociedade, e os papéis dos censores variaram conforme as instituições que eles representavam.

²No original: “*Vtiles tragoediae: alunt et lyrici, si tamen in iis non auctores modo sed etiam partes operis elegeris: nam et Graeci licenter multa et Horatium nolim in quibusdam interpretari. Elegia uero, utique qua amat, et hendecasyllabi, qui sunt commata sotadeorum (nam de sotadeis ne praecipendum quidem est), amoueantur si fieri potest, si minus, certe ad firmiter aetatis robur reseruentur*” (Quintilien, 1933, p. 120). Todas as traduções são de nossa autoria.

espontaneidade, que levou a devido efeito tudo o que quis, merecia que voluntariamente tivesse se inclinado a melhores coisas. (Quintilien, 1934, p. 52-54).³

Para Quintiliano, Sêneca afastara-se “do estilo dos antigos”⁴ (*Inst. Orat.* X, 1, 126) e, ao invés de imitá-los, desenvolveu um estilo próprio e defeituoso. Embora reconhecesse “grandes virtudes”⁵ (*Inst. Orat.* X, 1, 128) na obra senequiana, o rétor advertia que, em alguns momentos, Sêneca trazia características de um “discurso corrompido e enfraquecido devido a todos os vícios”.⁶ Portanto, a leitura integral dos livros de Sêneca só seria segura para discípulos mais avançados, versados no “gênero mais correto”⁷ (*Inst. Orat.* X, 1, 131), uma vez que teriam capacidade de discernir as virtudes dos vícios estilísticos.

Na pedagogia de Quintiliano, o professor tinha essencialmente uma dupla incumbência: mostrar ao discípulo os autores e obras úteis e apropriadas para sua formação, mas omitir, nesses mesmos autores e obras, o que fosse inútil e inapropriado. O professor deveria, portanto, selecionar criteriosamente as partes dos textos que chegariam ao conhecimento do discípulo, condenando outras à invisibilidade, ao silêncio. Mas quais partes e o que selecionar? O rétor não chegou a prescrever exatamente, ficando essa escolha a cargo do professor, a quem se dirige por meio do verbo na segunda pessoa do singular *eligeris* (escolheres).

Contemporâneo de Quintiliano, Plutarco (46-120 d.C.) não tratou da necessidade pedagógica do expurgo, mas chegou a praticá-lo em suas citações da poesia grega arcaica e clássica (Bowie, 2012, p. 12). Em *Quomodo adolescens poetas audire debeat* (Como o adolescente deveria ouvir os poetas), o autor beócio fala da importância de se interpretar corretamente os episódios mitológicos em que deuses enganam mortais. Plutarco salienta que as traições de Zeus não passam de criações dos poetas para servirem de exemplo de ações a não serem seguidas. Assim como Platão (428/7-348/7 a.C.), Plutarco temia que a poesia corrompesse os jovens e, por isso, escreveu orientações para reduzir o poder de corrupção que julgava existir nas obras de poetas canônicos como Homero e Eurípides (c. 480-406 a.C.), integrantes da *paideia* grega. Sendo assim, as citações de Hipônax de Éfeso (541-487 a.C.), Simônides de Céos (c. 556-468 a.C.) e Arquíloco de Paros (680-645 a.C.) feitas por Plutarco na referida obra não apresentam passagens explicitamente sexuais.

Na Antiguidade Tardia, há um terceiro indício de expurgo: *Anthologion*, antologia de 208 fragmentos de autores gregos, organizada por João Estobeu (séc. V d.C.) para seu filho (Bowie, 2012, p. 14). O fato de Estobeu reproduzir textos em prosa muito longos ajuda-nos a constatar que o antologista não estava preocupado com a extensão dos trechos utilizados em sua compilação, muito embora as passagens de poesia sejam bastante exíguas. Há citações de Mimnermo de Colofão (630-600 a.C.) que foram expurgadas a ponto de um excerto em dístico elegíaco

³No original: “*Verum sic quoque iam robustis et seuiore genere satis firmatis legendus, uel ideo quod exercere potest utrimque iudicium. Multa enim, ut dixi, probanda in eo, multa etiam admiranda sunt, eligere modo curae sit; quod utinam ipse fecisset: digna enim fuit illa natura quae meliora uellet; quod uoluit effecit*” (Idem, 1934, p. 52-54).

⁴No original: “[A]b antiquis descenderat” (Idem, ibidem).

⁵No original: “[M] agnae uirtutes” (Idem, ibidem).

⁶No original: “[C] orruptum et omnibus uitis fractum dicendi genus” (Idem, ibidem).

⁷No original: “[S] euiore genere” (Idem, ibidem).

se iniciar por pentâmetro, inequívoco sinal de expurgo. Em poemas de Arquíloco, foram também suprimidas passagens com conteúdo sexual, a exemplo dos fragmentos 48W e 193W, mesmo procedimento aplicado a versos de Hipônax e de Teógnis de Mégara. No caso de Safo (?-570 a.C.), a antologia de Estobeu traz apenas duas citações, não obstante manuscritos da obra da poetisa de Lesbos ainda circularem durante o séc. V d.C.

Durante os séc. XIII-XIV, um interessante caso de expurgo foram as edições da *Antologia Palatina*, censurada e reorganizada pelo monge bizantino Maximo Planudes (1260-1330) (Nisbet, 2012, p. 75). A *Antologia Palatina* começou sua trajetória histórica como um extenso compêndio de poemas, reunidos pelo monge bizantino Constantino Céphalas (séc. X d.C.) a partir das guirlandas de Meleagro de Gadara (? - 60 a.C.) e de Filipe de Tessalônica (séc. I d.C.), entre outras compilações, chegando a apresentar 3.700 epigramas. A versão de Planudes, que se tornou conhecida pelo título de *Antologia Planudea* e que seria impressa apenas em 1494, continha cerca de 2.400 epigramas, isto é, 1.300 poemas a menos. Em 1606, Cláudio Salmásio (1588-1653) descobriu um manuscrito de Céphalas na Biblioteca Palatina de Heidelberg (Alemanha), motivo para a coleção de poemas passar a ser nomeada *Antologia Palatina*, publicada apenas em 1776. No entanto, a publicação do texto da *Antologia Palatina* conforme Céphalas não foi bem aceita por todos. Muitos leitores preferiam reimpressões da versão planudeana, e havia quem elogiasse a censura de conteúdo sexual feita por Planudes, que passou a servir de modelo para expurgadores posteriores do epigrama, ao passo que o nome de Céphalas caiu no esquecimento.

No séc. XVI, imprimiu-se em Roma, pela oficina da Companhia de Jesus, a obra completa de Marco Valério Marcial (38-104 d.C.), editada e expurgada por André des Freux (1515-1556), mais conhecido pelo nome latino de Andreas Frusius, importante padre, escritor e humanista jesuíta muito próximo de Inácio de Loyola (1491-1556), fundador da Companhia de Jesus.⁸ Frusius tornou-se jesuíta em 1541 e, sete anos depois, integrou o grupo encarregado por Loyola de fundar o colégio de Messina, na Sicília. Traduziu para o latim os *Exercícios espirituais* de Loyola, produziu um livro didático de latim (*De utraque copiae verborum et praecepta rerum*), um diálogo sobre o nascimento de Cristo (*De modo renascendi cum Christo*) e edições escolares de Marcial, Horácio e Terêncio para instituições de ensino dirigidas pela ordem. A primeira edição dos epigramas de Marcial organizada por Frusius saiu em 1558, dois anos após seu falecimento, graças às diligências de Émond Auger (1530-1591), padre jesuíta francês que se celebrizou com o nome latino de Emundus Augerius. Em sua epístola ao leitor, Augerius elogia o trabalho de Frusius, que “tomou em suas mãos Valério Marcial [...] e purgou alguns epigramas com uma ou outra palavra modificada, tendo retirado outros que não puderam ser mantidos de modo algum honestamente” (Martialis, 1580, p. 11).⁹ Augerius lamenta que o amigo não tenha vivido o suficiente para editar

⁸ Em 1599, seria impressa outra edição expurgada da obra completa de Marcial, organizada por Matthew Rader (1561-1634), filólogo e historiador jesuíta italiano mais conhecido pelo nome latino de Matthaues Raderus, que editou ainda a *História de Alexandre o Grande*, de Quinto Cúrcio Rufo (séc. I d.C.).

⁹ No original: “[...] Valerium Martialem [...] in manus sumpsit, [...] sublatisque quibusdam epigrammatis, quae servari nullo pacto honeste poterant, aliis vero paucis uno, aut altero verbo reposito, immutatis, horis subsecivis sine ullo Latiniore dictionis detrimento perpurgavit” (Martialis, 1580, p. 11).

outros poetas como Horácio, Catulo, Tibulo, Propércio e Ovídio, fazendo votos de que eruditos como Frusius venham a levar adiante a missão de corrigi-los todos

para que sejam queimados todos aqueles códices antigos que apresentam torpeza misturada. Oxalá haja quem reconduza à severidade Cristã, retirando toda a obscenidade, as elucubrações deles e todos os esforços de se explicarem os poetas que escreveram deste modo um pouco mais petulante. Com efeito, eles, a menos que sejam deixados nas mãos da juventude, não perecerão menos do que estes autores, que, devido a sua torpeza, costumam lançar a doença aos costumes íntegros. (Martialis, 1580, p. 14).¹⁰

Em sua edição, Frusius suprimiu integralmente alguns epigramas de Marcial e alterou palavras em outros que manteve.¹¹ Foram retirados 310 epigramas (18,65%): I.13, I.31, I.34, I.35, I.37, I.46, I.62, I.68, I.71, I.73, I.74, I.83, I.84, I.90, I.92, I.94, I.106, I.115, II.4, II.9, II.10, II.28, II.31, II.33, II.34, II.39, II.42, II.45, II.47, II.49, II.50, II.51, II.52, II.54, II.56, II.61, II.62, II.63, II.70, II.72, II.73, II.83, II.84, II.87, III.11, III.15, III.34, III.39, III.42, III.51, III.53, III.54, III.63, III.65, III.68-76, III.81, III.83-92, III.96-98, IV.7, IV.9, IV.12, IV.17, IV.22, IV.30, IV.38, IV.41, IV.42, IV.50, IV.52, IV.59, IV.71, IV.81, IV.84, IV.87, V.41, V.45, V.46, V.48, V.55, V.61, V.66, V.68, V.75, V.79, V.83, VI.2, VI.6, VI.7, VI.16, VI.21-24, VI.26, VI.31, VI.33, VI.34, VI.36, VI.37, VI.39, VI.40, VI.45, VI.49, VI.50, VI.54, VI.56, VI.66-68, VI.71-73, VI.81, VI.90, VI.91, VII.2, VII.4, VII.14, VII.15, VII.18, VII.29, VII.30, VII.35, VII.50, VII.55, VII.57, VII.58, VII.62, VII.67, VII.70, VII.71, VII.74, VII.75, VII.80, VII.82, VII.83, VII.91, VIII.40, VIII.46, VIII.49, VIII.52, VIII.53, VIII.63, VIII.79, IX.2, IX.4, IX.5, IX.7, IX.15-17, IX.21, IX.25, IX.27, IX.32, IX.33, IX.36, IX.37, IX.40, IX.41, IX.56, IX.63, IX.66, IX.67, IX.69, IX.80, IX.95, IX.95b, IX.103, X.8, X.22, X.29, X.40, X.52, X.56, X.65, X.66, X.68, X.81, X.91, X.95, X.98, X.102, XI.7, XI.8, XI.16, XI.20-23, XI.25-29, XI.40, XI.43, XI.45-47, XI.51, XI.58, XI.60-64, XI.70-75, XI.78, XI.81, XI.85, XI.87-89, XI.94, XI.95, XI.97-104, XII.6, XII.16, XII.26, XII.33, XII.35, XII.38, XII.42, XII.43, XII.49, XII.55, XII.65, XII.75, XII.83, XII.85, XII.86, XII.91, XII.93, XII.95-97, XIII.34, XIII.56, XIII.63, XIII.64, XIII.67, XIV.6, XIV.8, XIV.9, XIV.39, XIV.56, XIV.59, XIV.66, XIV.70, XIV.74, XIV.75, XIV.77, XIV.119, XIV.134, XIV.149, XIV.156, XIV.174, XIV.175, XIV.180, XIV.181, XIV.187, XIV.189, XIV.193, XIV.201, XIV.203-207, XIV.214, XIV.215. Entre as substituições de palavras realizadas por Frusius em poemas de Marcial, mencionamos, a título de exemplo, o v. 11 do epigrama I.3 (*lascive* > *incaute*) e o v. 8 do I.4 (*lasciva* > *improba*). A edição de Frusius foi reimpressa duas vezes ainda no séc. XVI (Lyon, 1580; Colônia, 1599) e, pelo menos, três vezes no séc. XVII (Lyon, 1603, 1612 e 1619). A edição de 1580 já dispunha de uma epístola de Christophe Plantin (1520-1589), um dos mais respeitados impressores do séc. XVII, dirigida a Gabriel Zaias, secretário de Felipe II, rei da Espanha, louvando o trabalho dos jesuítas no que diz respeito à edição e interpretação das obras clássicas:

¹⁰No original:
“[E]t reliquos ita corrigat,
ut veteres illi omnes
codices, qui turpitudinem
admixtam habent,
comburantur. Vtinam
etiam aliquis sit, qui
eorum lucubraciones,
ac vigilias omnes,
qui poetas huiusmodi
paulo petulantius
explicarunt, rejecta
omni obscenitate, ad
severitatem Christianam
revocet. Neque enim illi,
si in manibus juventutis
relinquantur, minus
oberunt, quam auctores
isti, qui sua turpitudine
labem integris moribus
fere solent adspargere”
(Martialis, 1580, p. 14).

¹¹Na edição de Frusius, não há qualquer recurso tipográfico que indique expurgos ou alteração do texto original, diferentemente da coleção *Ad usum Delphini*, como veremos adiante. Verifica-se o uso de asteriscos apenas para o registro de variantes textuais. Portanto, a supressão integral de epigramas não é explicitada nem altera a numeração dos poemas. Matthaeus Raderus, por seu turno, empregou asteriscos para assinalar variantes textuais e expurgos em sua edição dos epigramas de Marcial.

E os Padres da Companhia de Jesus devem ser louvados merecidamente, se por nenhuma outra causa, ao menos pelo fato de que tenham um método verdadeiro e correto de oferecer ensinamentos das artes e interpretação dos antigos escritores. Por causa disso, foram seguidos, assim como também pelos próprios adversários, e que de fato se espalhem por meio de livros editados. Tamanha é a virtude deles, tamanha a santidade da vida e erudição, a ponto de ser, para os inimigos, motivo de admiração e de terror. Por isso, deve parecer pouco admirável que saiam de seus colégios tão e tantos discípulos eruditos e literatos. Graças a ela, eles têm um gênio peculiar que nada tolera que não seja erudito, casto, correto e simples. (Martialis, 1580, p. 8-9).¹²

No séc. XVII, quando aproximadamente trinta volumes da coleção *Ad usum Delphini* já haviam sido impressos, o padre jesuíta Pierre de Rodelle (Petrus Rodellius) organizou uma compilação de poemas de Horácio, que saiu em Toulouse, em 1683. Embora não integrasse a equipe da coleção, Rodellius preparou uma edição *ad serenissimum Galliarum delphinum* (para o sereníssimo delfim das Gálias), que seguia essencialmente o mesmo plano geral de organização, como veremos com mais detalhes: texto latino original, *interpretatio* (texto latino facilitado) e notas. No entanto, diferentemente da proposta da coleção, a edição do jesuíta não trazia a obra completa de Horácio, pois apresentava apenas os quatro livros das odes, os epodos e o *carmen saeculare*. Além disso, Rodellius expurgou integralmente as odes I.5, I.13, I.23, I.25, I.33, II.6, III.20 e IV.10; e os epodos 8, 12 e 15. Ainda no séc. XVII, o trabalho do jesuíta foi reimpresso na Inglaterra, em 1690, com acréscimo das sátiras, da *Arte poética* e, inclusive, das odes e epodos censurados. Por outro lado, a edição de Rodellius seguiu com os expurgos e sem as sátiras em reimpressões na Bélgica (Liège, 1695 e 1741).

As traduções dos poemas de Horácio impressas no séc. XVII também ilustram a prática expurgatória nesse período. Na coletânea de poemas horacianos organizada por Alexander Brome (1620-1666) e republicada em 1671, a tradução dos v. 8-6 do epodo 8 substituiu palavras empregadas originalmente na primeira edição de 1666 (ex. *buttocks* > *rump*), e a referência ao ânus bovino foi atenuada (Harrison, 2012, p. 116).¹³ Quanto aos v. 14-17 do epodo 12, Brome substituiu a expressão “*hold longer*”, em que se subentende algum verbo relacionado a coito, pelo atenuado “*lov’st*”. Também foram retiradas a referência à varíola e a expressão “*tuff-backed*”, uma sugestão ao atletismo sexual animalesco. Ainda no séc. XVII, Thomas Creech (1659-1700) publicou sua tradução de Horácio, atenuando a pederastia das odes 4.1 e 4.10. Os epodos 8 e 12 ficaram de fora da edição, e a tradução da sátira I.2 foi atenuada.

Mas, entre os autores da Antiguidade clássica, Tito Lucrécio Caro (94-50 a.C.) foi um dos mais expurgados, sendo considerado, inclusive, o poeta latino mais combatido desde a Antiguidade até a Idade Moderna (Butterfield, 2012, p. 109).¹⁴ Devido ao Concílio de Trento, traduções de *De rerum natura* (DRN) foram proibidas pela Igreja na Itália, ainda que o texto latino de Lucrécio não integrasse o rol do *Index librorum prohibitorum*. A

¹²No original: “*Et laudandi merito sunt Patres Societatis Jesu, si nullam aliam ob causam, saltem quod veram et rectam in artium praeceptis tradentis, et veterum scriptorum interpretatione rationem teneant. quo nomine hoc sunt consecuti, ut ab ipsis etiam adversariis, et quidem editis libris celebrentur. tanta est illorum virtus, vitae sanctimonia et eruditio, ut hostibus sit admirationi atque terrori. Minime idcirco mitum videri debet tam totque eruditos et litteratos ex illorum collegiis prodire discipulos. Habent illa peculiarem genium, qui nihil nisi quod doctum, castum, rectum et simplex est ferat*” (Martialis, 1580, p. 8-9).

¹³Stephen Harrison aborda o expurgo em traduções de Horácio do séc. XVII ao séc. XX no mundo anglófono, fazendo ainda algumas comparações com publicações alemãs. Suas considerações exploram, especificamente, os expurgos em traduções dos epodos 8 e 12, das odes 4.1 e 4.10 e da sátira I.2. Devido a nosso recorte cronológico, limitamo-nos apenas às informações sobre expurgos até o séc. XVII apresentadas pelo estudioso.

¹⁴David Butterfield trata da censura em edições, traduções e interpretações de *De rerum natura* (DRN) ao longo de seis séculos, desde a (re) descoberta de seu manuscrito em 1417, por Poggio Bracciolini, até publicações do séc. XX, como a tradução de W.H.D. Rouse (1924). Devido a nosso recorte cronológico, mencionamos somente as considerações do estudioso a expurgos em DRN até o séc. XVII.

tradução de Gianfrancesco Muscettola (séc. XVI), por exemplo, concluída em 1530, nem chegou a ser publicada. Com o impedimento religioso na península itálica, o poema lucreciano passou a ser impresso em outros lugares da Europa. Na França, *DRN* veio a público primeiramente em Lyon, pela prensa de Sebastian Gryphius (1492-1556), e depois em Paris, em 1563, por meio da edição de Denis Lambin (1520-1572), que, em seu prefácio, asseverou que não se deveria temer *DRN*, uma vez que os padres da Igreja leram autores pagãos sem sofrer prejuízo espiritual ou moral algum, e que o poema lucreciano poderia ser útil ao leitor para aprender a controlar o desejo, tranquilizar a mente e lidar com seus sentidos. Na Holanda, Hubert van Giffen (1534-1604) imprimiu *DRN* em 1565/6, também defendendo a importância de Lucrécio, talvez estimulado pelo sucesso da edição de Lambin.

Na Itália, *DRN* voltaria a ser impresso somente em 1647, com vários resumos inseridos em meio ao texto latino, de autoria de Giovanni Nardi (séc. XVI - c. 1655), que, em seu prefácio, alerta o leitor para o perigo representado pela obra:

Mas serpentes perniciosas escondem-se na grama, e os terríveis acônito e cicutas selvagens se insinuam frequentemente entre as flores brilhantes. Portanto, acautela-te ou afasta-te, jovem, para que este florilégio não seja a tua morte. (*apud* Butterfield, 2012, p. 101).¹⁵

Após a edição de Nardi, a obra de Lucrécio ganharia nova impressão italiana em 1693, pela prensa de Antonio Bulifon (1649-1707) em Nápoles. Enquanto isso, crescia o interesse por *DRN* na França e na Inglaterra, inspirando uma série de trabalhos: *Discours de morale sur Épicure*, escritos em 1645/6 por Jean François Sarrazin (1614-1654); *De vita et moribus Epicuri libri octo*, de Pierre Gassendi (1592-1655), publicado em Lyon em 1647; e, do mesmo autor, *Animadversiones in decimum librum Diogenis Laertii*, também impresso em Lyon, em 1649, que trazia, em apêndice, uma *Philosophiae Epicuri syntagma*. Com a publicação póstuma dos *Opera omnia* de Gassendi, a filosofia epicurista logrou obter maior divulgação na Europa.

Foi justamente na França que se publicou a primeira tradução de *DRN*, em Paris, em 1650, feita por Michel de Marolles (1600-1681). Também na França saiu a primeira edição rigorosa do poema lucreciano, organizada por Tanneguy Le Fèvre (1615-1672)¹⁶ e impressa em Saumur, em 1662. Embora reconhecesse que Lucrécio era uma leitura perigosa, fosse devido à doutrina filosófica, fosse devido ao conteúdo sexual do livro IV, Le Fèvre não adulterou nem expurgou o texto latino. A segunda tradução de *DRN* fora da Itália foi de autoria de John Evelyn (1620-1706), publicada em 1656, mas que permaneceu inédita até 2000, tendo circulado apenas em manuscritos. Ainda na segunda metade do séc. XVII, surgiram mais duas traduções do poema lucreciano, que não chegaram a ser publicadas: uma de Lucy Hutchinson (1620-1681) e outra de tradutor anônimo.

¹⁵No original: “[P]erniciosi tamen latent angues in herba, interque gemmantes flores insinuant semet frequenter Aconita dira, feralesque Cicutae. cave proinde, aut declina, adolescens, ne tibi sit exitio florilegium” (*apud* Butterfield, 2012, p. 101).

¹⁶Tanneguy Le Fèvre não chegou a trabalhar na coleção *Ad usum Delphini*, mas indicou sua filha, Anne Le Fèvre Dacier, e genro, André Dacier, muito embora nenhum deles tenha editado o volume de *DRN*, que ficou a cargo de Michael Dufay. Por outro lado, Anne editou quatro volumes da coleção: Floro, Dictys de Creta e Dares da Frígia, Aurélio Vítor e Eutrópio. André Dacier, por sua vez, ficou encarregado do volume que continha as obras de Sexto Pompeu, Festo e Marco Verrio Flaco.

O texto de *DRN* seria pela primeira vez impresso na Inglaterra, em Cambridge, em 1675, com reimpressão em 1686, por John Hayes, sem prefácio. Finalmente, a primeira tradução de *DRN* para o inglês, publicada na época, foi feita em 1682 por Thomas Creech (1659-1700), que, não obstante asseverasse a filosofia de Lucrecio ser desagradável e ridícula, defendia que sua tradução serviria de ferramenta para ajudar o cristão a conhecer o inimigo, refutando as doutrinas do poeta ao invés de explicá-las. Além disso, Creech traduziu de modo falho algumas passagens de livro IV ou deixou de lado vários versos. Em seguida, John Dryden (1631-1700) publicou, em 1685, uma compilação de traduções de autores latinos que continha a tradução do livro IV sem cortes. O tradutor atacou a atitude censória de Creech, que, em 1695, lançou uma edição sem cortes do *DRN* com explicações e notas, talvez em reação à crítica de Dryden, mantendo essencialmente seu tom mordaz quanto à doutrina epicurista.¹⁷

A censura do texto clássico na coleção *Ad usum Delphini*¹⁸

A concepção e realização da coleção *Ad usum Delphini* estiveram essencialmente relacionadas a dois nomes da corte de Luís XIV (r. 1643-1715). O primeiro deles foi Charles de Saint-Maure (1610-1690), o duque de Montausier, militar que atuou nas Frondas (1648-1653) em defesa do rei e protestante convertido, nomeado em 1668 governador dos estudos de Luís o Grande Delfim (1661-1711) para cuidar que o príncipe aprendesse os princípios do cristianismo e do humanismo (Maget, 2010, p. 80). Havia dois fatores pessoais que motivaram Montausier a querer elaborar uma coleção de obras clássicas para a educação do delfim, como o próprio duque relata em sua correspondência. O primeiro estava relacionado com a infância de Montausier, quando ele se via obrigado a reler diversas vezes um mesmo texto latino na tentativa de compreender as palavras, o estilo de um autor e referências à história e mitologia antigas. O segundo motivador era que a coleção servisse de ajuda não apenas ao príncipe bem como a todos os principiantes no assunto.

Em 1669, Montausier definiu o plano geral da coleção, que deveria conter o texto original das obras latinas, suas respectivas adaptações em latim mais fácil (*interpretationes*) e notas (*annotationes*), geralmente sobre história e mitologia. A elaboração de índices de palavras foi uma sugestão de Pierre-Daniel Huet (1630-1721), subtutor do delfim e segundo nome importante na história da coleção *Ad usum Delphini*. Não sabemos ao certo quem foi o responsável pela ideia dos expurgos, muito embora estivesse em consonância com a sétima regra de censura de livros, definida pelo Concílio de Trento,¹⁹ e com a pedagogia jesuíta. O uso do título do príncipe no nome da coleção tinha o objetivo de ser um estímulo cultural à promoção da monarquia francesa em toda Europa, ajudando a transmitir a sensação de que a educação do futuro rei estava ao acesso de seus súditos. O plano geral de Montausier previa ainda, na parte pré-textual dos volumes, página de rosto, frontispício, louvores ao

¹⁷ Em Portugal, a primeira tradução de *DRN* viria a público somente em 1850, em Lisboa, sob o título de *Da natureza das cousas*, de autoria de José Duarte Machado Ferraz (1774-1861). No ano seguinte, Antonio José de Lima Leitão (1787-1856) publicou também em Lisboa o primeiro tomo de sua tradução de *DRN*, intitulada *A natureza das coisas: poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso português por Antonio José de Lima Leitão*, contendo os livros I-III. O segundo tomo, que abrangia os livros IV-VI, foi publicado em 1853.

¹⁸ Esta seção consiste essencialmente numa síntese de Volpilhac-Auger (2000) e Furno (2005), acrescida de contribuições nossas, sobretudo no que diz respeito aos expurgos da coleção *Ad usum Delphini*.

¹⁹ *Libri, qui res lascivas, seu obscenas ex professio tractant, narrant, aut docent, cum non solum fidei, sed et morum, qui huiusmodi librorum lectione facile corrumpi solent, ratio habenda sit, omnino prohibentur: et qui eos habuerint, severo ab Episcopis puniantur. Antiqui vero, ab Ethnicis conscripti, propter sermonis elegantiam, et proprietatem permittuntur: nulla tamen ratione pueris praelegendi erunt*" (Index, 1564, p. 13), proibem-se totalmente livros que tratam, narram ou ensinam, abertamente, assuntos lascivos ou obscenos, uma vez que se devem manter os preceitos da fé e dos costumes, que facilmente são corrompidos por livros desse tipo: e que sejam punidas severamente pelos bispos as pessoas que possuírem esses [livros]. No entanto, são permitidas obras antigas, escritas por pagãos, devido à elegância e propriedade da linguagem, mas, de nenhuma maneira, deverão ser lidas para as crianças.

delfim (*Epistola Serenissimo Delphino*), exaltação aos três tutores e ao autor abordado (*praeafatio ad lectorem*), sucedido pela citação dos destinatários, o delfim e o público. Apesar do título *Ad usum Delphini*, não é certo que o príncipe tenha usado toda a coleção em seus estudos, já que sua formação educacional foi finalizada após o casamento em 1680 com Maria Ana Vitória da Baviera (1660-1690), o que significa que ele talvez não tenha utilizado muitos dos volumes. Possivelmente, a manutenção da referência ao futuro rei na página de rosto foi uma estratégia comercial para conquistar o público.

Na produção dos volumes²⁰ da coleção, Montausier ocupou o cargo de maior responsabilidade, cuidando da análise de cada detalhe dos livros, dos pagamentos aos autores de cada volume, da cobrança de prazos, da exportação e divulgação em outros países. Huet, por seu turno, era o diretor científico, exercendo a função de ponte entre Montausier e os comentaristas e livreiros. Legibilidade e desenvolvimento da reflexão histórica e política eram os princípios norteadores da coleção, vista como uma nova articulação de conhecimento e poder. Foram reunidas 39 obras de um total de 40 autores²¹ distribuídos por 62²² volumes.²³ A quase totalidade dos volumes da coleção era de autores latinos, pois Montausier e Huet acreditavam que a educação do homem moderno deveria se restringir ao latim, além do fato de o duque desconhecer a língua grega. Grande parte dos autores considerados clássicos na coleção não o é atualmente. Dos quarenta reunidos, quinze são do período augustano, dezesseis do período posterior à dinastia Júlio-claudiana e nove dos séc. IV ao VI. Na verdade, o conceito de clássico na coleção mostra-se uma herança da Idade Média. A partir do séc. XVIII, esse conceito passou a mudar, o que provavelmente levou ao fracasso o empreendimento de Montausier, uma vez que vários autores publicados deixaram de ser considerados entre os mais relevantes, além de que a leitura do texto latino caiu em desuso, substituída pelo consumo de traduções.

Muitos dos golfinhos²⁴ da coleção *Ad usum Delphini* eram iniciantes e alcançaram o reconhecimento após a publicação dos volumes a eles atribuídos, como André Dacier (1651-1722) e sua esposa Anne Le Fèvre Dacier (1645-1720). Em sua correspondência, Huet reclamava da falta de especialistas na França, o que tornava a seleção de comentaristas para a coleção uma tarefa complicada. Dessa forma, alguns autores latinos foram atribuídos a quem não tinha familiaridade com eles. Dos trinta golfinhos escolhidos, oito ficaram responsáveis por dois autores distintos, enquanto Le Frève, por exemplo, assumiu os comentários em quatro volumes diferentes.

A correspondência de Huet revela seu desejo de os jesuítas integrarem a coleção *Ad usum Delphini*. Após o casamento do delfim, Montausier, talvez influenciado pelo colega, aceitou a participação dos membros da Companhia de Jesus. A partir desse momento, os jesuítas passaram a ser encarregados por um terço da coleção, contando com onze golfinhos responsáveis por treze volumes. Concentraram-se no

²⁰ A rigor, as páginas de rosto dos livros pertencentes à coleção *Ad usum Delphini* não trazem designação de “volume” nem tampouco numeração. Com relação aos autores que ocupam mais de um livro, as portadas exibem expressões como “*pars secunda*” etc. ou “*tomus secundus*” etc. Dessa forma, utilizamos aqui o termo “volume” apenas para fins de simplificação e padronização.

²¹ Foi Huet quem sugeriu agrupar quarenta autores clássicos, conforme o entendimento de Aulo Gélío. Embora Montausier desejasse publicar inicialmente todos os escritores latinos, a ideia foi deixada de lado devido às dificuldades enfrentadas nos primeiros volumes. Por outro lado, o número reduzido não significa que os mais importantes foram escolhidos, já que, por exemplo, ficaram de fora da coleção Sêneca, Quintiliano, Lucano e Petrônio. A correspondência de Huet e Montausier, por seu turno, revela que foram planejados volumes para as obras de Pompônio Mela, Marciano Capela, Vitruvius, Columela, Palladius, Varrão e Sêneca.

²² Adotamos aqui uma solução nossa para facilitar a numeração dos volumes da coleção *Ad usum Delphini*, baseada na ordenação por ano de impressão. No caso de volumes impressos no mesmo ano, a ordenação seguiu o critério alfabético de sobrenome do autor em latim: vol. 1 Salústio (1674); vol. 2 Floro (1674); vol. 3 Cornélio Nepos (1675); vol. 4 Fedro (1675); vol. 5 Terêncio (1675); vol. 6 Veleio Patérculo (1675); vol. 7 Panegíricos antigos (1676); vol. 8 Justino (1677); vol. 9 Claudiano (1677); vol. 10 Júlio César (1678);

período entre 1684 a 1689 e, apesar de ser uma vontade de Huet havia bastante tempo, os editores demoraram a recorrer a eles por causa da dificuldade de controlarem seus trabalhos. Exemplos disso foram que os jesuítas não cumpriram prazos de lançamento dos volumes das obras de Cícero, a ponto de alguns saírem mal-acabados, e que não produziram os índices de vocabulário, que Huet orgulhosamente projetara para toda a coleção, mas elaboraram índices de assuntos, de figuras de linguagem, entre outros, alterando o plano geral. Entretanto, a presença de jesuítas na coleção ainda era bastante vantajosa, pois simbolizava a segurança e reputação de que não gozavam os demais golfinhos iniciantes, protestantes e jansenistas.

A seleção de golfinhos costumava levar mais em conta sua facilidade de compreensão e capacidade de comentar sobre a língua latina, o que, às vezes, resultava no arrependimento da escolha. Huet, no início da coleção *Ad usum Delphini*, buscava por inexperientes, acreditando que o desconhecimento os forçaria a adquirir rapidamente o domínio sobre o autor a ser comentado. Alguns dos selecionados foram Daniel Crespín (1640-1716) e Pierre Danet (1650-1709). Tanneguy Le Fèvre (1615-1672), estudioso escolástico francês, indicou a Huet sua filha, Anne Le Fèvre Dacier, e genro, André Dacier. Apesar de ter sido instruída em grego e latim pelo pai, Anne foi subestimada por todos até seu primeiro volume ser finalizado, Floro (1674), quando se tornou um golfinho de confiança de Huet, a única a trabalhar em outros três volumes, Dictys de Creta e Dares da Frígia (1680), Aurélio Vítor (1681) e Eutrópio (1683), e também a única protestante a trabalhar na coleção. Mesmo que os golfinhos tenham ficado conhecidos após a publicação de seu trabalho, a ausência de estudiosos estrangeiros e renomados concorreu para que a coleção não conquistasse reconhecimento acadêmico e internacional, além de ser subestimada como um empreendimento editorial em que a principal intenção era lançar os volumes rapidamente.

A coleção *Ad usum Delphini* não inaugurou a prática expurgatória na edição impressa de textos clássicos — o jesuíta Andreas Frusius já o fizera no séc. XVI com os epigramas de Marcial —, mas realizou-a com maior sofisticação, como veremos adiante. Os prefácios e epístolas dos volumes dedicados a Plauto, Lucrécio, Claudiano, Juvenal e Pérsio são de especial importância para o tema do expurgo, porque trazem os principais motivos de se terem retirado as obscenidades dos textos originais: a castidade do delfim e dos leitores. No prefácio do volume dedicado a Juvenal e Pérsio, o golfinho Louis Desprez (fl. 1675-1691) assevera que os editores da coleção *Ad usum Delphini* estabeleceram regras para separar o “precioso do vil”,²⁵ por meio da remoção das obscenidades contidas no texto original. A relação de expurgos corrobora essa afirmação, pois seu texto introdutório informa que os fragmentos foram removidos em respeito ao delfim e aos leitores, porém se encontram reunidos no final dos volumes para evitar críticas sobre a incompletude das obras dos autores latinos. Geralmente, assinalam-se os expurgos com asteriscos e

vol. 11 Quinto Cúrcio (1678); vol. 12 Manílio (1679); vol. 13-14 Plauto (1679); vol. 15-20 Tito Lívio (1679); vol. 21 Valério Máximo (1679); vol. 22 Boécio (1680); vol. 23 Dítis de Creta e Dares da Frígia (1680); vol. 24 Lucrécio (1680); vol. 25 Marcial (1680); vol. 26 Aulo Gélío (1681); vol. 27 Aurélio Vítor (1681); vol. 28 Sexto Pompeu, Festo e M. Verno Flaco (1681); vol. 29-32 Tácito (1682); vol. 33 Virgílio (1682); vol. 34 Eutrópio (1683); vol. 35-37 Cícero, discursos (1684); vol. 38 Juvenal e Pérsio (1684); vol. 39 Suetônio (1684); vol. 40-41 Catulo, Tibulo e Propércio (1685); vol. 42 Cícero, epístolas aos familiares (1685); vol. 43-47 Plínio, o velho (1685); vol. 48-49 Estácio (1685); vol. 50 Prudêncio (1687); vol. 51-52 Cícero, obras sobre retórica (1687); vol. 53-54 Apuleio (1688); vol. 55 Cícero, obras filosóficas (1689); vol. 56-59 Ovídio (1689); vol. 60-61 Horácio (1691); vol. 62 Ausônio (1730).

²³ Em nossa pesquisa, levamos em consideração apenas os volumes de obras de autores latinos. Na verdade, a coleção *Ad usum Delphini* chega a 64 volumes, computados o dicionário de antiguidades elaborado por Pierre Danet e o volume de poemas de Calímaco, único autor grego incluído na coleção. Não são claras as razões de esses dois autores terem sido incorporados ao plano editorial, já que Danet era contemporâneo de Montausier e Huet, e Calímaco, grego, destoando do objetivo da coleção.

²⁴ Adotamos aqui o termo golfinho em consonância com Volpillac-Auger (2000) e Furno (2005) para designar os responsáveis por cada volume da coleção *Ad usum Delphini*, selecionados por Huet e Montausier.

²⁵ No original: “[P]retiosum a vili” (Juvenalis, 1684, p. VII).

espaços em branco no texto original e na *interpretatio*, exceto em Lucrécio e Marcial. No caso específico de Claudiano, registra-se um exemplo isolado de substituição de palavra realizado em toda a coleção (*cunnus* > *scortum*, LXXVI.26, v. 8). O único indício dessa substituição, no corpo do texto, é o itálico que grifa a palavra *scortum*: “Haereo, quae *scortum* lambere causa facit” (Claudiani, 1677, p. 685). Na seção final dos *expurgata*, o golfinho Guillaume Pyron (1637-1684) explica essa alteração. Há diversas técnicas de expurgo na coleção, como 1) manter o texto original e não o transcrever na *interpretatio*; 2) remover uma palavra no original e optar por outra menos obscena na *interpretatio*; 3) distorcer ou atenuar o significado, tal como no v. 39 da sátira I de Juvenal, em que a expressão “*vetulae vesica beatae*” (vulva de uma velha rica) é atenuada, na *interpretatio*, por “*anus opulenta*” (uma velha rica). De modo geral, a manutenção da unidade de sentido das passagens expurgadas foi buscada pelos golfinhos por meio da *interpretatio*, contudo, nem sempre de maneira bem-sucedida.

Em quase todos os volumes censurados, há seções com diferentes títulos²⁶ em que se reuniram os expurgos ao final,²⁷ de modo a serem facilmente cortados no exemplar do aluno ou mantidos no exemplar do professor ou de um leitor adulto, que desejasse ter as obras completas e ler as partes suprimidas. Os volumes que contêm expurgos são: Fedro (1675); Claudiano (1677); Plauto (1679); Lucrécio (1680); Marcial (1680); Juvenal e Pérsio (1685); Catulo, Tibulo e Propércio (1685); Apuleio (1688); Ovídio (1689); Horácio (1691) e Ausônio (1730). No total, foram realizados 361 expurgos em 30 obras:

Apuleio (edição de texto, *interpretationes* e notas de Julien Fleury)

Apologia: 4 expurgos parciais;²⁸

Metamorphoseon libri XI: 30 expurgos parciais nos livros II, III, V, VII, VIII, IX e X.

Ausônio (edição de texto, *interpretationes* e notas de Joannes-Baptista Souchay)

Cento nuptialis: 1 expurgo parcial no epílogo e 2 expurgos integrais em *Parecbasis* e *Imminutio*;

Epigrammata: 14 expurgo integrais nos epigramas LXX, LXXI, XC, CVIII, CXIX, CXX, CXXIII, CXXIV, CXXV, CXXVI, CXXVII, CXXVIII, CXXXI, CXLII.

Catulo (edição de texto, *interpretationes* e notas de Philippe Dubois)

Carmina: 35 expurgos parciais nos poemas VI (v. 11-14), X (v. 12), XI (v. 19-20), XIII (v. 4), XV (v. 9-12), XVI (v. 1, 9-12, 17), XVII (v. 18), XIX (v. 6), XX (v. 18 e 21), XXI (v. 4, 8 e 13), XXVIII (v. 9-10 e 12-13), XXIX (v. 14), XXXII (v. 7-11), XXXIII (v. 4 e 6-7), XXXVII (v. 3-9), XLI (v. 1), LVI (v. 5-6), LXVII (v. 21-22), LXIX (v. 1-2), LXXI (v. 5-6), LXXIV (v.

²⁶ Em Apuleio: “*Obscoena ex Apuleiano textu resecta et ad calcem rejecta*” (Obscenidades retiradas do texto de Apuleio e apartadas ao final); em Ausônio: “*Obscoena e textu Ausoniano resecta*” (Obscenidades retiradas do texto de Ausônio); em Catulo: “*Versus obscoeni resecti e Catullo nemini verecundo legendi*” (Versos obscenos retirados de Catulo que não devem ser lidos por ninguém casto); em Claudiano: “*Obscoena quaedam in Claudiani contextu praetermissa, & in hunc locum rejecta*” (Algumas obscenidades omitidas no texto de Claudiano e reservadas a este lugar); em Fedro: “*Versus resecti*” (Versos retirados); em Horácio, os expurgos não foram reunidos em seção ao final do tomo; em Juvenal e Pérsio: “*Resecti versus tum e Juvenali, cum e Persio nemini probro legendi*” (Versos retirados tanto de Juvenal quanto de Pérsio que não devem ser lidos por ninguém casto); em Lucrécio: “*Obscoena quaedam in Lucretii contextu praetermissa, et in hunc locum rejecta*” (Algumas obscenidades omitidas no texto de Lucrécio e reservadas a este lugar); em Marcial: “*Epigrammata obscaena*” (Epigramas obscenos); em Ovídio: “*Quaedam in Ovidii obscoena*” (Algumas obscenidades no texto de Ovídio); em Propércio: “*Versus obscoeni resecti e Propertio*” (Versos retirados de Propércio); em Plauto: “*M. Accii Plauti obscoena*” (passagens obscenas de Marco [sic] Ácio Plauto); em Tibulo: “*Versus obscoeni resecti e Tibullo*” (Versos obscenos retirados de Tibulo).

²⁷ Essas seções finais de *expurgata* consistem numa inovação da coleção *Ad usum Delphini* frente a edições expurgadas anteriores, a exemplo dos epigramas de Marcial editados por Andreas Frusius (1558) e Matthaeus Raderus (1599).

²⁸ Denominamos de parciais os expurgos que não cortam a obra integralmente.

3-6), LXXVIII (v. 4), LXXX (v. 6-8), LXXXVII (v. 1-2 e 6), XCII (v. 4), XCV (v. 7-12); 1 expurgo integral no poema *Pervigilium Veneris*, na época atribuído a Catulo;

Cláudio Claudiano (edição de texto, *interpretationes* e notas de Guillaume Pyrrhon)

Fescenina de nuptis Honorii Augusti: 4 expurgos parciais (v. 3-6, 11-13, 18 e 21-29);

In Eutropium: 5 expurgos parciais (v. 45-53, 61-109, 223-225, 280 e 358-370);

Epigrammata: substituição de palavra no v. 8 do *epigramma* XXVI, *carmen* LXXVI (*cunnum* > *scortum*).

Fedro (edição de texto, *interpretationes* e notas de Pierre Danet)

Fabularum Aesopiarum libri quinque: 2 expurgos parciais nas fábulas I.29 (v. 7-8) e IV.13 (v. 6-8), e 1 expurgo integral na fábula IV.14.

Horácio (edição de texto, *interpretationes* e notas de Louis Desprez)

Epodon liber: 4 expurgos parciais nos epodos VIII (v. 5-10 e 17-20) e XII (v. 8-9 e 11-20);

Satirae: 13 expurgos parciais nas sátiras I.2 (v. 36, 44-46, 68, 116-118, 125 e 127), I.3 (v. 107), I.5 (v. 84-85), I.8 (v. 5) e II.7 (v. 42, 48-50 e 64).

Juvenal (edição de texto, *interpretationes* e notas de Louis Desprez)

Saturarum libri V: 44 expurgos parciais nas sátiras II (v. 10, 12-13, 21a-21b, 49-50, 99), III (v. 96-97, 109, 134), IV (v. 106), VI (v. 34-37, 128-129, 190, 195, 237, 308-312, 317-321, 326, 333, 336-339, 369-371, 405, 421-422, 513, 535), VII (v. 241), IX (v. 41, 25-26, 32-37, 43-44, 78, 130, 136), X (v. 204-209, 223-224, 321-322), XI (v. 156-158, 163-164, 167-168) e XIV (v. 30).

Lucrécio (edição de texto, *interpretationes* e notas de Michael Dufay)

De rerum natura: 1 expurgo parcial no livro IV (v. 1030-1287).

Marcial (edição de texto, *interpretationes* e notas de Vincent Collessou)

Apophoreta: 3 expurgos integrais nos epigramas 203, 205 e 215;

Epigrammatum libri XII: 148 expurgos integrais nos epigramas I.24 [I.23], I.47 [I.46], I.59 [I.58], I.91 [I.90], I.93 [I.92], I.95 [I.94], II.28, II.31, II.47, II.49, II.50, II.51, II.54, II.60, II.61, II.62, II.70, II.72, II.73, II.84, III.71, III.72, III.73, III.75, III.76, III.79, III.80, III.81, III.83, III.84, III.87, III.88, III.92, III.96, III.97, III.98, IV.7, IV.42, IV.43, IV.48, IV.50, IV.85 [IV.84], VI.16, VI.23, VI.26, VI.31, VI.33, VI.36, VI.37, VI.45, VI.49, VI.54,

VI.56, VI.81, VI.91, VII.17 [VII.18], VII.29 [VII.30], VII.34 [VII.35], VII.54 [VII.55], VII.57 [VII.58], VII.61 [VII.62], VII.66 [VII.67], VII.69 [VII.70], VII.74 [VII.75], VII.81 [VII.82], VII.90 [VII.91], VIII.46, VIII.63, IX.3 [IX.2], IX.5 [IX.4], IX.28 [IX.27], IX.33 [IX.32], IX.34 [IX.33], IX.38 [IX.37], IX.41 [IX.40], IX.42 [IX.41], IX.64 [IX.63], IX.69 [IX.67], IX.71 [IX.69], IX.82 [IX.80], IX.97 [IX.95], X.40, X.55, X.68, X.75, X.81, X.90, X.91, X.95, X.102, XI.9 [XI.8], XI.20 [XI.19], XI.21 [XI.20], XI.22 [XI.21], XI.23 [XI.22], XI.24 [XI.23], XI.26 [XI.25], XI.27 [XI.26], XI.28 [XI.27], XI.29 [XI.28], XI.30 [XI.29], XI.31 [XI.30], XI.41 [XI.40], XI.44 [XI.43], XI.46 [XI.45], XI.47 [XI.46], XI.48 [XI.47], XI.52 [XI.51], XI.59 [XI.58], XI.61 [XI.60], XI.62 [XI.61], XI.63 [XI.62], XI.64 [XI.63], XI.65 [XI.64], XI.71 [XI.70], XI.72 [XI.71], XI.73 [XI.72], XI.74 [XI.73], XI.75 [XI.74], XI.76 [XI.75], XI.79 [XI.78], XI.82 [XI.81], XI.86 [XI.85], XI.88 [XI.87], XI.89 [XI.88], XI.95 [XI.94], XI.96 [XI.95], XI.98 [XI.97], XI.100 [XI.99], XI.101 [XI.100], XI.105 [XI.104], XII.16, XII.27 [XII.26], XII.33, XII.35, XII.42, XII.43, XII.55, XII.66 [XII.65], XII.72 [XII.71], XII.76 [XII.75], XII.81 [XII.79], XII.87 [XII.85], XII.88 [XII.86], XII.93 [XII.91], XII.97 [XII.95] e XII.98 [XII.96], XII.99 [XII.97].

Ovídio (edição de texto, *interpretationes* e notas de Daniel Crespin)

Amores: 5 expurgos parciais nas elegias I.4 (v. 47-48), I.5 (v. 13-26) e II.15 (v. 25-26) e integrais nas elegias III.7 e III.14;

Ars amandi: 2 expurgos parciais nos livros II (v. 679-732) e III (v. 769-808);

Remedia amoris: 1 expurgo parcial (v. 399-409).

Pérsio (edição de texto, *interpretationes* e notas de Louis Desprez)

Saturae sex: 4 expurgos parciais nas sátiras IV (v. 35-36, 38-41 e 48) e VI (v. 72-73).

Plauto (edição de texto, *interpretationes* e notas de Jacques de L'Oeuvre)

Bacchides: 1 expurgo parcial na cena III.3 (v. 75-78);

Casina: 6 expurgos parciais nas cenas II.8 (v. 22-26), IV.3 (v. 11-17), V.2 (v. 6-55), V.4 (v. 2-3 e 46-49) e no epílogo (três últimos versos);

Curculio: 1 expurgo parcial na cena I.3 (v. 29-32);

Mercator: 2 expurgos parciais na cena V.4 (v. 983-987 e 1015-1026);

Miles gloriosus: 3 expurgos parciais nas cenas III.1 (v. 55 e 60), IV.2 (v. 68-69) e IV.3 (v. 18-20);

Persa: 1 expurgo parcial na cena II.4 (v. 14-15);

Poenulus: 4 expurgos parciais nas cenas III.3 (v. 83-84), V.2 (v. 17), V.4 (v. 74) e V.5 (v. 32);

Pseudolus: 5 expurgos parciais nas cenas I.1 (v. 22-24 e 64-67), IV.1 (v. 51), IV.7 (v. 76-80) e V.1 (v. 14-16);

Truculentus: 1 expurgo parcial na cena II.2 (v. 6-9).

Propércio (edição de texto, *interpretationes* e notas de Philippe Dubois)

Elegiarum libri IV: 9 expurgos parciais nas elegias II.4 (v. 18-22), II.14 (v. 11-22 e 29-32), II.15 (v. 3-28 e 37-40), II.16 (v. 27-28), II.22 (v. 23-42), IV.5 (v. 33-52), IV.9 (v. 7-11).

Tíbulo (edição de texto, *interpretationes* e notas de Philippe Dubois)

Corpus Tibullianum: 2 expurgos parciais na elegia I.9 (v. 26 e 35-38) e 1 expurgo integral *Ad Priapum, de inertia inguinis*, poema priápico na época atribuído a Tibulo mas atualmente considerado de autoria não identificada.

Em geral, esses expurgos relacionam-se à presença de palavras ou de expressões, versos, trechos ou, por vezes, extensas passagens que contêm vocabulário alusivo a:²⁹

a) Órgãos sexuais ou partes do corpo erógenas:

ex. *aluta*, pênis (Mart., *Epigr.*, XI.61); *barathrum*, vagina (Mart., *Epigr.*, III.81); *cunnius*, vagina (Mart., *Epigr.*, I.91, II.84, III.72, III.81, III.87, VI.45, VII.17, VII.34, VII.66, IX.3, IX.38, X.90, XI.44, XI.47, XI.48, XI.62, XI.79, XI.86; Cat., *Carm.*, XCV); *capulus*, testículos (Pl., *Cas.*, V.2); *caput*, pênis (*Ad Priapum*); *clunus*, nádegas (Mart., *Epigr.*, XI.101; Juv., *Sat.*, 2, 6 e 11); *columna*, pênis grande (Mart., *Epigr.*, XI.52); *cucumis*, pênis (Pl., *Cas.*, V.2); *genitalis*, genitais (Juv., *Sat.*, 6); *inguen*, virilha (Mart., *Epigr.*, II.61, III.72, III.81, VII.17, VII.29, VII.34, VII.57, XI.23, XI.71; Juv. *Sat.* 3, 6, 9, 10, 11; Pers., *Sat.*, 4 e 5; *Ad Priapum*); *nates* (Mart., *Epigr.*, I.93, II.47, VI.46, XI.44, XI.59, XI.100, XII.76; Pers., *Sat.*, 6; Cat., *Carm.*, XXXIII; *Ad Priapum*); *coleus*, testículos (Mart., *Epigr.*, IX.28); *crista*, clitóris (Juv., *Sat.*, 6); *culus*, ânus (Mart., *Epigr.*, I.93, II.51, II.62, III.71, III.98, VI.37, IX.28, XI.22, XI.44, XI.47, XI.100, XI.101; Cat., *Carm.*, XXXIII e XCV); *femur*, coxa (Juv., *Sat.* 6; Tib., *Eleg.*, I.9; *Ad Priapum*); *fossa*, ânus (*Ad Priapum*); *gladius*, pênis (Pl., *Cas.* V.2); *hernia*, testículos (Juv., *Sat.*, 6); *ília*, entranhas (Cat., *Carm.*, XI e LXXX); *lumbus*, pênis (Mart., *Epigr.*, I.93, XI.101; Juv., *Sat.*, 6; Pers., *Sat.*, 4; Cat., *Carm.* XVI; Prop., *Eleg.*, II.16); *machaera*, pênis (Pl., *Pseud.*, IV.7); *mamma*, seio (Pl., *Pseud.*, V.1; Mart., *Epigr.*, III.72 e II.15); *medius*, genitais (Mart., *Epigr.*, II.61, II.81, VII.66, XI.47, XI.62; Cat., *Carm.*, LXVII e LXXX); *membrum*, pênis (Prop., *Eleg.*, II.15 e II.16); *mentula*, pênis grande (Mart., *Epigr.*, I.59, II.62, II.70, III.71, III.75, III.81, VI.23, VI.36, VII.17, VII.29, VII.34,

²⁹ Conforme James Noel Adams, "metáforas e designações eufemísticas fornecem a maior parte dos termos atestados para partes sexuais do corpo e atos sexuais em latim" (Adams, 1982, p. 2-3). Sendo assim, termos como *cucumis* (pepino), *gladius* (espada), *radix* (raiz) e *vena* (veia), por exemplo, designam metaforicamente pênis, razão para terem sido colocados no grupo de palavras alusivas a órgãos sexuais ou partes do corpo erógenas. O mesmo princípio aplica-se a muitas outras palavras desse e dos demais grupos, em que geralmente informamos apenas os sentidos metafórico-sexuais. Grande parte desse vocabulário, a exemplo das quatro palavras mencionadas anteriormente, permanece ainda hoje sem o significado sexual nos principais dicionários latino-portugueses (Torrinha, 1982; Ferreira, 2001; Saraiva, 2006). Há palavras que sequer figuram nesses dicionários, a exemplo de *irrumatio* (penetração da boca com o pênis), *fellatio* (felação) e *tribas* (lésbica ativa). Para mais detalhes sobre censura de palavras em dicionários latino-portugueses, cf. Moniz, 2014.

VII.54, IX.3, IX.28, IX.33, IX.34, IX.38, IX.64, X.90, XI.20, XI.21, XI.23, XI.26, XI.28, XI.47, XI.59, XI.71, XI.76, XI.79, XII.86, XII.97; Cat., *Carm.*, XX, XXIX, XXXVII, XCII); *papilla*, mamilo (Pl., *Bacch.*, III.3; Pl., *Pseud.*, I.1; Prop., *Eleg.*, II.15); *pars*, genitais (Mart., *Epigr.*, XII.96; Juv., *Sat.*, 9 e 10; Cat., *Carm.*, XVII); *penis*, pênis (Mart., *Epigr.*, II.51, VI.16, VI.23, VII.81, IX.28, X.55, XI.75; Pers., *Sat.*, 4; Cat., *Carm.*, XV; *Ad Priapum*); *pipinna*, pênis pequeno (Mart., *Epigr.*, XI.73); *praeputium*, prepúcio (Juv., *Sat.*, 6); *podex*, ânus (Mart., *Epigr.*, VI.37; Juv., *Sat.*, 2); *porta*, vagina (Cat., *Carm.*, XV); *radix*, pênis (Pl., *Cas.*, V.2); *ramex*, testículos (Juv., *Sat.*, 10); *rima*, vagina (Juv., *Sat.*, 3); *saltus*, vagina (Pl., *Cas.*, V.2); *specus*, vagina (*Ad Priapum*); *symplegas*, nádegas (Mart., *Epigr.*, XI.100); *telum*, pênis (Mart., *Epigr.*, XI.79); *tentum*, pênis (Cat., *Carm.*, LXXX); *testiculus*, testículos (Juv., *Sat.*, VI); *trabs*, pênis (Cat., *Carm.*, XXVIII); *tubus*, vagina (Mart., *Epigr.*, XI.62); *turtur*, pênis (Juv., *Sat.*, 6); *vagina*, vagina (Pl., *Pseud.*, IV.7); *vena*, pênis (Mart., *Epigr.*, VI.49; Pers., *Sat.*, 6); *venter*, ventre (Mart., *Epigr.*, XI.62, XI.89; Juv., *Sat.*, 9); *verpa*, pênis (Cat., *Carm.*, XXVIII); *verpus*, pênis circuncizado (Mart., *Epigr.*, VII.81 e XI.95); *vesica*, vagina (Pl., *Cas.*, II.8; Juv., *Sat.*, 6); *virilia*, virilha (Mart., *Epigr.*, XI.30); *viscus*, útero (Mart., *Epigr.*, XI.62; Juv., *Sat.*, 9); *vulva*, vagina (Mart., *Epigr.*, XI.62; Juv., *Sat.*, 6; Pers., *Sat.*, 4 e 6).

b) Sentimentos e sensações relacionadas a atos sexuais:

ex. *admissarius*, lascivo (Pl., *Mil. glor.*, IV.3); *amoenitas*, prazer (Pl., *Mil. glor.*, III.1); *ardere*, desejar (Mart., *Epigr.*, VIII.63; Juv., *Sat.*, VI); *blanditiae*, sedução (Mart., *Epigr.*, XI.71); *blandus*, sedutor (Mart., *Apo.*, 203; Juv., *Sat.*, 6); *capere*, seduzir (Prop., Juv., *Eleg.*, II.15); *cupido*, desejo (Cat., *Carm.*, XIII); *cupidus*, desejoso (Mart., *Epigr.*, XI.79; Prop., *Eleg.*, II.22); *deliciae*, prazeres (Mart., *Epigr.*, VIII.63, XII.76; Cat., *Carm.*, VI, LXIX, LXXIV; Prop., *Eleg.*, II.15); *diffututus*, esgotado sexualmente (Cat., *Carm.*, LXI); *exfututus*, esgotado sexualmente (Cat., *Carm.*, VI); *exoletus*, lascivo (Mart., *Epigr.*, XII.43 e XII.91); *exsorbere*, esgotar sexualmente (Juv., *Sat.*, 10); *frigidus*, frígido (Pl., *Cas.*, V.2; Juv., *Sat.*, 6); *gaudium*, gozo (Mart., *Epigr.*, IX.42, XI.27; Prop., *Eleg.*, II.14); *impatiens*, excitado (Juv., *Sat.*, 6); *improbus*, obsceno (Mart., *Epigr.*, XII.55 e XII.97); *impudicus*, lascivo (Cat., *Carm.*, XXIX); *languere*, esgotar sexualmente (Mart., *Epigr.*, I.47, XII.97; Juv., *Sat.*, 11); *languidus*, esgotado sexualmente (Cat., *Carm.*, LXVII); *lascivus*, lascivo (Mart., *Epigr.*, X.68, XI.21; Prop., *Eleg.*, IV.5); *lassare*, esgotar sexualmente (Juv., *Sat.*, 6); *libidinosus*, libidinoso (Mart., *Epigr.*, XII.43, XII.95); *libido*, libido (Juv., *Sat.*, 6 e 10; Prop., *Eleg.*, II.16); *luxuria*, luxúria (Mart., *Epigr.*, XI.71); *nequam*, lascivo (Juv., *Sat.*, 6); *nequitia*, libido (Mart., *Epigr.*, IX.69); *obscaenus*, obsceno ou lascivo (Mart., *Epigr.*, IV.48, XI.62; Juv., *Sat.*, 2 e 6); *placere*, proporcionar prazer (Mart., *Epigr.*, II.28; Mart., *Apo.*, 205; Juv., *Sat.*, 3; Prop., *Eleg.*, II.22, *Ad Priapum*); *prurigo*, tesão (Mart., *Epigr.*, IV.48 e XI.74; Juv., *Sat.*, 6); *prurire*, sentir tesão (Mart., *Epigr.*, XI.82, XII.95; Mart., *Apo.*, 203; Juv., *Sat.*, XI; Cat., *Carm.*,

XVI e LXXXVII); *salax*, lascivo (Cat., Carm., XXXVII); *Saturnalicus*, Saturnálico ou lascivo (Mart., Epigr., VII.90); *sectari*, desejar (Mart., Epigr., XI.88); *siccus*, frígido (Mart., Epigr., XI.82); *stare*, estar ou ficar excitado (Mart., Epigr., III.73, III.75, VI.23, VI.49, VII.57); *surgere*, ficar excitado (Mart., Epigr., XII.97); *Sybariticus*, Sibarítico ou lascivo (Mart., Epigr., XII.95); *tentigo*, priapismo ou ereção do mamilo/clitóris (Mart., Epigr., VII.66; Juv., Sat., VI); *urtica*, ardor sexual (Juv., Sat., 11); *voluptas*, volúpia (Juv., Sat., 6, 10 e 11).

c) Atos sexuais:

ex. *adulter*, adúltero (Mart., Epigr., X.95; Juv., Sat., 6 e 9); *adultera*, adúltera (Mart., Epigr., IX.3); *adulterium*, adultério (Cat., Carm., LXXVIII); *amica*, amante ou lésbica passiva (Mart., Epigr., XI.28 e XI.101; Prop., Eleg., II.16); *amplexus*, carícia (Juv., Sat., 6; Prop., Eleg., II.15); *basiare*, beijar genitais (Mart., Epigr., I.95, XI.62, XII.55); *basium*, beijo em genitais (Mart., Epigr., VIII.46, XI.9, XI.23, XI.24, XI.27, XI.96, XI.105, XII.55, XI.66; Cat., Carm., XVI); *bucca*, boca (Mart., Epigr., II.28, III.75, XI.62); *cadere*, ser seduzido ou estuprado (Cat., Carm., LVI); *cevere*, rebolar (Juv., Sat., 2); *cinaedus*, pederasta passivo (Mart., Epigr., II.28, III.73, IV.43, VI.16, VI.37, VII.57, IX.3, IX.64, X.40, XI.22, XII.16; Juv., Sat., 2, 4, 9 e 14; Cat., Carm., 14, 29 e 33); *coitus*, coito (Juv., Sat., 10); *collocare*, preparar a noiva para o coito (Pl., Cas., V.2); *comedere*, comer ou penetrar ânus ou vagina (Cat., Carm., XXIX); *complexus*, o enlace do coito (Pl., Poen., III.3; Mart., Epigr., XI.79); *concubitus*, coito (Juv., Sat., 6); *concumbere*, fazer sexo (Juv., Sat., 6; Prop., Eleg., II.15); *confutuere*, foder compartilhadamente (Cat., Carm., XXXVII); *contubernalis*, companheiro de coito (Cat., Carm., XXXVII); *crissare*, movimentar-se sensualmente no coito (Mart., Epigr., X.68; Mart., Apo., 203; Juv., Sat., 6); *cunnilingus*, cunilíngua (Mart., Epigr., IV.43 e XII.85); *dare*, fazer sexo (Mart., Epigr., II.31, II.49, IV.7, VII.29, VII.74, IX.33, X.75, X.81, XI.59, XI.79, XI.105, XII.55, XII.96); *depilatus*, pederasta passivo (Mart., Epigr., IX.28); *draucus*, pederasta ativo (Mart., Epigr., VII.66, IX.28, XI.9, XI.73); *facere*, fazer sexo (Mart., Epigr., III.71, III.83, VII.61, XI.21, XI.72, XII.86; Juv., Sat., 7); *fascinum*, consolo de couro ou de tecido (*Ad Priapum*); *fellare*, fazer feação (II.50, II.61, II.73, IV.85, IX.5 e XII.79); *fellator*, quem faz feação (Mart., Epigr., XI.31 e XI.96); *flagitium*, infâmia do estupro (Pl., Cas., V.2); *fovere*, masturbar (*Ad priapum*); *irrumare*, penetrar a boca (Mart., Epigr., XII.47, II.70, IV.50; Cat., Carm., XVI, XXI, XXVIII, XXXVII e LXXIV); *furtum*, adultério (Mart., Epigr., IV.9); *futuere*, foder (Mart., Epigr., I.95, II.31, II.47, II.60, III.72, III.79, III.87, III.96, IV.85, VI.31, VI.33, VI.91, VII.69, VII.74, IX.3, IX.5, IX.42, IX.71, IX.82, X.81, X.95, X.102, XI.21, XI.22, XI.24, XI.41, XI.46, XI.48, XI.63, XI.72, XI.86, XII.27; Mart., Apo., 215; Cat., Carm., LXXI, XCV); *fututio*, foda (Cat., Carm., XXXII); *fututor*, fodedor (Mart., Epigr., I.91, II.28, III.96, VII.17,

VII.29, XI.88, XII.43); *fututrix*, fodedora (Mart., *Epigr.*, XI.23 e XI.62); *Ganymedes*, Ganimedes ou pederasta (Mart., *Epigr.*, XI.23, XI.27, XI.44 e XI.105); *Ganymedeus*, relativo a Ganimedes ou a pederasta (Mart., *Epigr.*, VIII.46); *irrumatio*, penetração de boca (Cat., *Carm.*, XXI); *jacere*, deitar-se para o coito (Mart., *Epigr.*, XI.74, XI.82; Juv., *Sat.*, 6; Cat., *Carm.*, XXXII; *Ad Priapum*); *masturbare*, masturbar (Mart., *Epigr.*, IX.42 e XI.105); *irrumator*, quem penetra a boca (Cat., *Carm.*, X); *lambere*, fazer feleção (Mart., *Epigr.*, II.61 e II.81; Juv., *Sat.*, II); *lena*, alcoviteira (Mart., *Epigr.*, IV.5); *leno*, proxeneta ou alcoviteiro (Juv., *Sat.*, 6); *Lesbia*, Lésbia ou prostituta (Mart., *Epigr.*, II.50, XI.63 e XI.100); *lingere*, fazer feleção (Mart., *Epigr.*, II.84, III.88, III.96, VI.26, VI.54, VII.66, IX.41, XI.48, XI.86 e XII.55; Cat., *Carm.*, XCV); *ludere*, brincar sexualmente (Mart., *Epigr.*, VI.45; Juv., *Sat.*, 7; Cat., *Carm.*, XVII); *ludus*, brincadeira sexual (Juv., *Sat.*, 6); *lupanar*, lupanar (Juv., *Sat.*, 6); *Massiliensis*, massiliense ou pederasta (Pl., *Cas.*, V.4); *masturbator*, masturbador (Mart., *Apo.*, 203); *moechari*, cometer adultério (Cat., *Carm.*, XCII); *moechus*, adúltero (Mart., *Epigr.*, I.91, II.47, II.49, III.84, III.92, III.96, IX.3, XI.62; Juv., *Sat.*, 9, 10 e 14; Cat., *Carm.*, XI, XXXVII; Prop., *Eleg.*, IV.5); *morsiuncula*, mordida prazerosa (Pl., *Pseud.*, I.1); *motus*, movimentação erótica (Mart., *Epigr.*, XI.105); *opera*, esforço físico no coito (Pl., *Cas.*, V.2); *orgia*, orgia (Pl., *Pseud.*, I.1); *paedicare*, sodomizar (Mart., *Epigr.*, I.28, I.93, III.98, VI.56, VII.61, VII.66, IX.71, XI.21, XI.46, XI.64, XI.79, XI.89, XI.95, XI.100, XI.105, XII.16; Cat., *Carm.*, XVI e XXI); *paedico*, sodomista (Mart., *Epigr.*, II.28, II.47, VI.33, VI.88 e XII.85); *patere*, deitar-se para o coito (Mart., *Epigr.*, XI.105); *pathicus*, pederasta passivo (Mart., *Epigr.*, Mart., *Epigr.*, XII.95; Juv., *Sat.*, 2 e 9; Cat., *Carm.*, XVI); *pellex*, prostituta ou prostituto (Mart., *Epigr.*, XII.96); *perdepsere*, acariciar (Cat., *Carm.*, LXXIV); *praecidere*, penetrar a boca (Mart., *Epigr.*, IV.48, XI.29 e XII.35); *prostituere*, prostituir (Mart., *Epigr.*, IX.28); *puella*, jovem prostituta (Mart., *Epigr.*, XI.65, XII.76, XII.86, XII.95, XII.97; Mart., *Apo.*, 205; Juv., *Sat.*, 6 e 11; Cat., *Carm.*, XIII, XVII, XLI, LXIX, LXXVIII; *Ad Priapum*; Prop., *Eleg.*, II.16 e II.22); *puer*, jovem prostituto (Mart., *Epigr.*, XII.76, XII.86, XII.96; Mart., *Apo.*, 205; Cat., *Carm.*, XV, XVI, LXXVIII; Tib., *Eleg.*, I.9; Prop., *Eleg.*, II.4); *pusio*, pederasta passivo (Juv., *Sat.*, 6); *savium*, beijo nos genitais (Pl., *Cas.*, V.2; Pl., *Poen.*, V.4; Pl., *Pseud.*, IV.1); *scortillum*, jovem prostituto ou prostituta (Cat., *Carm.*, X); *scortum*, prostituto ou prostituta (Pl., *Cas.*, epil.; Pl., *Mil. glor.*, III.1; Pl., *Merc.*, V.4; Juv., *Sat.*, 3; Cat., *Carm.*, VI); *sedere*, sentar-se no pênis (Mart., *Epigr.*, XI.105); *stuprum*, estupro ou relação sexual ilícita (Pl., *Cas.*, V.2); *subigitare*, masturbar (Pl., *Cas.*, V.4; Pl., *Mil. glor.*, III.1); *symplegma*, orgia masculina (Mart., *Epigr.*, XI.43); *tractare*, masturbar (Mart., *Epigr.*, XI.30); *tribas*, lésbica ativa (Mart., *Epigr.*, VII.69); *vorare*, devorar ou fazer feleção (Cat., *Carm.*, LXXXVII).

d) Excrementos e secreções:

ex. *cacare*, cagar (Mart., *Epigr.*, IX.71); *effectus*, ejaculação (Mart., *Epigr.*, XI.82); *expatrare*, ejacular (Cat., *Carm.*, XXIX); *meiere*, mijar (Mart., *Epigr.*, XI.47; Cat., *Carm.*, XCV); *micturire*, sentir vontade de mijar (Juv., *Sat.*, 6); *semen*, esperma (Cat., *Carm.*, LXVII); *serum*, esperma (Cat., *Carm.*, LXXX); *urina*, urina (Juv., *Sat.*, 6 e 11; Cat., *Carm.*, XXXVII).

Certamente, o expurgo de passagens contendo palavras dos grupos acima seguiu um plano geral de remoção de obscenidades, mas os golfinhos não trabalharam de maneira uniformizada, o que nos permite observar certa flutuação de práticas expurgatórias em diversos volumes da coleção *Ad usum Delphini* (Wolff, 2000, p. 125). À guisa de exemplo, Vincent Colleson suprimiu integralmente todos os epigramas de Marcial (II.28, III.73, IV.43, VI.37, VII.58, IX.2, IX.63, X.40, XI.31 e XII.16) que contêm *cinaedus* (pederasta ativo), mas Louis Desprez cortou precisamente essa palavra nas sátiras juvenalianas (II, v. 10; IV, v. 106; e XIV, v. 30). Philippe Dubois, por seu turno, manteve as cinco ocorrências de *cinaedus* nos poemas de Catulo (X, v. 24; XVI, v. 2; XXIX, v. 5 e 9; e XXXIII, v. 2). *Pathicus* (pederasta passivo) é outra palavra que nos ajuda a verificar procedimentos distintos dos golfinhos: Vincent Colleson também eliminou completamente o epigrama de Marcial em que ocorre *pathicus* (XII.95, v. 1); Louis Desprez, nas sátiras juvenalianas (II, v. 99 e IX, v. 130), cortou somente essa palavra, mas Philippe Dubois a conservou em Catulo (XVI, v. 2).

Às vezes, essas flutuações de práticas chegam a ocorrer num mesmo volume. Nas sátiras de Juvenal, Louis Desprez deixou passar, em alguns poemas, palavras que foram suprimidas em outros: ex. *spado*, eunuco (I, v. 22); *mamma*, seio (I, v. 23); *vesica*, vagina (I, v. 39); *inguen*, virilha (I, v. 41); *suavis*, efeminado (II, v. 47); *moecha*, adúltera (II, v. 68); entre outros termos obscenos e passagens ambíguas (Guellouz, 2005, p. 335-336). No volume dos epigramas de Marcial, Vincent Colleson excluiu o epigrama I.23, mas manteve I.24 e XIV.74.³⁰ Além disso, Colleson conservou, no texto latino, os substantivos *draucus* (pederasta ativo) e *mentula* (pênis grande) em I.96, v. 12-13, empregando reticências na *interpretatio* para não os traduzir. Porém, em outras passagens obscenas mantidas no original (ex. III.85, v. 4, “*mentula*”, pênis; I.34, v. 10, “*non futui*”, não ser fodido), nem sequer aparecem reticências na *interpretatio*. Por outro lado, em I.84, v. 3, Colleson utilizou-se de *interpretatio* atenuada: “*futuit*”, fodeu > “*rem habet cum*”, tem negócio com (Wolf, 2005, p. 214).

Em linhas gerais, esses expedientes, entre muitos outros, revelam que a prática expurgatória na coleção *Ad usum Delphini* não se pautou apenas por regras de índices expurgatórios ou por diretrizes editoriais mas ainda pelo subjetivismo dos golfinhos. Ademais, a censura na coleção já mostrava, pelo menos com relação a certos autores latinos, algum afrouxamento frente a edições anteriores expurgadas. No que diz respeito a Marcial, Andreas Frusius, como vimos, cortara 310 epigramas,

³⁰Os epigramas I.23 e I.24 apresentam temática homoerótica masculina. O epigrama XIV.74 alude à felação.

enquanto Vincent Colleson eliminou 151, ou seja, menos da metade. Quanto aos poemas de Horácio, Petrus Rodellius suprimira oito odes (I.5, I.13, I.23, I.25, I.33, II.6, III.20 e IV.10) e três epodos (8, 12 e 15), ao passo que Louis Desprez realizou expurgos parciais em dois epodos (8 e 12) e não expurgou as odes.

Referências

ADAMS, James Noel. *The Latin Sexual Vocabulary*. London: Duckworth, 1982.

BOWIE, Ewen. Unnatural Selection: Expurgation of Greek Melic, Elegiac and Iambic Poetry. In: STRAY, Christopher; HARRISON, Stephen (ed.). *Expurgating the Classics: Editing Out in Latin and Greek*. London: Bristol Classical Press, 2012. p. 9-24.

BUTTERFIELD, David. Contempta Relinquo: Anxiety and Expurgation in the Publication of Lucretius' *De rerum natura*. In: STRAY, Christopher; HARRISON, Stephen (ed.). *Expurgating the Classics: Editing Out in Latin and Greek*. London: Bristol Classical Press, 2012. p. 95-114.

CLAUDIANI, Cl. *Opera quae extant: interpretatione et annotationibus illustravit Gulielmus Pyrrho, in academia Cadomensi doctor eloquentiae, consiliariusque & professor regius: jussu christianissimi regis, in usum serenissimi delphini*. Parisiis: apud Fredericum Leonard Typographum Regis, 1677.

DARNTON, Robert. *Censores em ação: como os estados influenciaram a literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FERREIRA, Antonio Gomes. *Dicionário latim-português*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2001.

FURNO, Martine (dir.) *La collection Ad usum Delphini: l'Antiquité au miroir du Grand Siècle*, Grenoble: UGA Éditions, 2005. vol. 2.

GLARE, P.G.W. (ed.). *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 1968.

GUELLOUZ, Suzanne. Juvénal et Perse. In: FURNO, Martine (dir.) *La collection Ad usum Delphini: l'Antiquité au miroir du Grand Siècle*, Grenoble: UGA Éditions, 2005. vol. 2. p. 333-341.

HARRISON, Stephen. Expurgating Horace, 1660-1900. In: STRAY, Christopher; HARRISON, Stephen (ed.). *Expurgating the Classics: Editing Out in Latin and Greek*. London: Bristol Classical Press, 2012. p. 115-126.

JUVENALIS, Decii Junii; FLACCI, Persi. *Satirae*: interpretatione ac notis illustravit Ludovicus Prateus, rhetoricae professor emeritus, uussu christianissimi regis, in usum serenissimi delphini. Parisiis: ex Typographia Frederici Leonard, 1684.

MAGET, Jean-Pierre. *Monseigneur*: Louis de France, dit Le Grand Dauphin, fils de Louis XIV. 2010. 576 f. Tese (Doutorado em História e Civilização da Europa). UFR de Sciences Historiques, Universidade de Estrasburgo, Estrasburgo, 2010.

MARTIALIS, Valerii. *Epigrammata*: ab omni rerum obscenitate, verborumque; tupitudine uindicata. Opera & industria Andree Frusij, Societatis Iesu Theologi. Lugduni: apud Ioannem Stratium, 1580.

MONIZ, Fábio Frohwein de Salles. Controle da leitura em edições e dicionários latinos escolares. *Via Litterae: Revista de Linguística e Teoria Literária*, Anápolis, v. 6, n. 2, p. 285-301, jul.-dez 2014.

NISBET, Gideon. Flowers in the Wilderness: Greek Epigram in the Late Nineteenth and Early Twentieth Centuries. In: STRAY, Christopher; HARRISON, Stephen (ed.). *Expurgating the Classics: Editing Out in Latin and Greek*. London: Bristol Classical Press, 2012. p. 73-94.

QUINTILIEN. *Institution oratoire*. Traduction nouvelle de Henri Bornecque. Paris: Librairie Garnier Frères, 1933. 4 v.

SARAIVA, F.R. dos Santos. *Dicionário latino-português*. 12. ed. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006.

TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino-português*. Porto: Gráficos Reunidos, 1982.

VOLPILHAC-AUGER, Catherine (dir.). *La collection Ad usum Delphini: l'Antiquité au miroir du Grand Siècle*. Grenoble: UGA Éditions, 2000. v. 1.

WOLF, Hubert. Congregation of the Index. In: JONES, Derek (ed.). *Censorship: a World Encyclopedia*. London; New York: Routledge, 2015. vol. 1-4. p. 1151-1153.

WOLFF, Étienne. Chapitre cinq. La censure. In: *La collection Ad usum Delphini: l'Antiquité au miroir du Grand Siècle*. Grenoble: UGA Éditions, 2000. v. 1. p. 122-128.

***Ad usum Delphini* collection: The Dawn of
Censorship in the Printed Edition of Classical
Texts**

ABSTRACT

The objectives of this article are: 1) to present some cases of expurgation of classical works until the 17th century, when the Ad usum Delphini collection was conceived for the education of Louis the Great Dauphin, son of the French King Louis XIV; and briefly explain the historical context and characteristics of the Ad usum Delphini collection. This essay presents some of the results of our research titled “The Glossary of Silence: Words, Expressions, Verses, and Poems Expurgated in the Ad usum Delphini Collection,” carried out with the grant from the National Research Support Program, which we received from the National Library Foundation in 2021-2022.

KEYWORDS: *Censorship. Editing of the classical text. Ad usum Delphini collection.*